Resposta à altura

A única resposta que o Brasil pode dar ao protecionismo e aos subsídios do primeiro mundo é investir em tecnologia

FÁBIO DI GIORGI



Se tivéssemos que escolher os mais bem-sucedidos produtos da polêmica e grandiosa política agrícola do Brasil da década de 70, a chamada "revolução conservadora" na agricultura, certamente lá estariam a soja, a avicultura, o café do cerrado e a laranja. Se a prole foi pequena para tão grande esforço, não vamos discutir aqui. A laranja não teve a conseqüência esperada do esforço que a nação realizou para a sua modernização agrícola, mas aproveitou bem facilidades como isenções fiscais, créditos subsidiados etc. A soja é uma filha bem mais legítima. A tecnologia para o seu cultivo – pesquisa, incentivo à fabricação de colheitadeiras etc. – foi gerada naquele período e teve sucesso duradouro. A laranja não seguiu o paradigma.

Há certa maldade quando se afirma que a agroindústria citrícola brasileira só cresceu por conta das geadas na Flórida (EUA). Essa afirmação sem fundamento reflete a baixa auto-estima que justa ou injustamente o caldo cultural brasileiro hospeda.

Basicamente a citricultura paulista se deve à:

- excelente condição econômica e edáfica da margem direita do Tietê;
- preexistência do agricultor de cultura perene, e de ex-cafeicultores frutos da imigração do início do século;
- preexistência do pacote tecnológico legado pela genial geração de pesquisadores do Instituto Agronômico de Campinas após a *débâcle* provocada pelo *vírus da tristeza*, que dizimou a citricultura paulista na década de 40;
- existência de um mercado interno de fruta fresca no eixo Rio-São Paulo;
- e, sobretudo, à existência de uma enorme demanda reprimida internacional de suco de laranja que a Flórida jamais poderia suprir via custo, mesmo sem geadas.

Com esses ingredientes, não faltaram atores industriais e comerciais para formar a invejável hegemonia mundial que o Brasil detém.

Como se enganam aqueles que pensam que o sucesso ou os fenômenos positivos econômicos e sociais só dependem da boa vontade dos povos. A paternidade da citricultura paulista é complexa. Com seus US$3 milhões (não levando em conta a desvalorização da moeda) gerados em 1963, chegou a US$1,5 bilhão na década de 80. Um negócio duas vezes maior do que o cobre chileno. Nós fizemos a mina e a conservamos.

Classe média rural

Com seus 700 mil hectares, o chamado "São Paulo Citrus Belt" tem 27 mil propriedades comercialmente produtivas, formando, a exemplo da cafeicultura, uma classe média rural. Aliás esse conceito – classe média rural – deveria ser mais estudado como contraponto à idéia aceita, porém questionável, de que a agricultura competitiva é irremediavelmente concentradora e de que a pequena e média propriedades só existem quando subsidiadas, a exemplo da Europa.

A produção tem alcançado mais de 300 milhões de caixas/ano, seguindo dois terços para a industrialização e um terço para o consumo *in natura* no mercado interno. É sugestivo que o Brasil seja o maior consumidor *per capita* de laranja fresca do mundo, contrariando os que propalam que a exportação invariavelmente determina a suboferta interna.

A competitividade da citricultura paulista permitia seu crescimento contínuo, mesmo com o fim dos subsídios agrícolas. Esse processo foi acelerado pelas quatro geadas na Flórida na década de 80, quando chegamos a plantar 17 milhões de árvores num só ano. Essa expansão se deu devido à reprodução do capital. O que significa que a apropriação de renda beneficiou o setor produtivo agrícola, ao contrário de – como afirmam certos setores – só a indústria ter-se beneficiado das altas cotações internacionais.

O percentual de participação no perfil de propriedades pequenas, médias e grandes se manteve nos últimos 20 anos, demonstrando que houve uma apropriação homogênea de renda, uma vez que o número de propriedades cresceu.

Fábio Di Giorgi *é asessor de diretoria no Desenvolvimento de Novos Negócios da Coinbra.*

Com a recuperação dos pomares da Flórida e o gigantismo brasileiro, o mercado tem trabalhado retratando a superoferta e obviamente forçando toda a cadeia a uma dieta constante. Esse processo que se dá ao longo da década atual coincide com os problemas advindos de:

- falta de pesquisa de suporte, com a desorganização do setor público, e conseqüente envelhecimento do pacote tecnológico;
- advento da CVC (clorose variegada dos citros), uma bacteriose surgida no Brasil em 1987, e ressurgimento do cancro cítrico (1998);
- deslocamento da citricultura para zonas marginais (clima).

Esses fatores adversos represam a produtividade média, reduzindo a margem de lucratividade já estreita devido ao desempenho do mercado internacional.

É um erro muito comum imaginar que a produtividade agrícola depende só do agricultor. Os 700 mil hectares de citros gastam cerca de US$400/500 milhões anualmente no seu estágio fotossintético, ou seja, nas propriedades, a título de custos de manutenção, sendo 60% deles em insumos (fertilizantes e corretivos – 20% e defensivos – 40%).

Pesquisa

É natural que numa feira como a Agrishow em Ribeirão Preto haja pouco espaço para a citricultura, uma vez que a maior parte dos seus custos faz parte do complexo jogo da química agrícola, da fina entomologia e da fitopatologia. O custo da especificidade sempre foi alto e aí está a barreira mais elevada da indispensável produtividade.

Com a produção de mil caixas por hectare, ou 40 toneladas, o Brasil será imbatível, mesmo com o protecionismo descabido e hipócrita dos EUA e da Europa. Estamos com dificuldade de atingir aquele índice. Parte substancial da cadeia citrícola reagiu às ameaças comerciais e agrícolas, fazendo com que o Fundecitrus – talvez o melhor representante da modernidade da citricultura paulista – dividisse seu foco também na direção da pesquisa agrícola como órgão provedor. Não que o Fundecitrus venha a substituir o Estado, o que seria impossível, mas atuando como linha estimuladora da pesquisa aplicada. Assim, a iniciativa privada está tentando ocupar, não sem esforço, o espaço da insuficiente pesquisa citrícola do maior produtor mundial.

O velho pacote tecnológico da década de 50 não mais responde às exigências atuais. Hoje há questionamentos sérios sobre o modelo de manejo americano compartilhado pelas grandes companhias européias de defensivos de que a resposta ao aparecimento de uma praga ou doença é uma molécula nova de defensivo, conceito excessivamente reducionista. Há também a falta de compreensão do manejo de solos tropicais. Vivemos ainda da célebre frase "em se plantando, tudo dá", uma falácia agronômica integrada ao imaginário coletivo brasileiro. Convém salientar o efeito desestruturador da repetição do modelo adotado pelos imigrantes no início do século, que, ao desmatar, encontraram uma fertilidade que lhes possibilitou um espantoso sucesso. O manejo de solo da Europa não vale para os trópicos. Os filhos desses imigrantes repetem o modelo como se o solo nada tivesse perdido nesses 80 anos de exploração indevida.

Implementos agrícolas

Outra questão que comumente não tem sido levantada nos fóruns apropriados e tem dificultado a busca incessante e necessária do aumento da produtividade – condição *sine qua non* de sobrevivência num mercado competitivo – é a inexistência de uma indústria de implementos agrícolas secundária, ou seja, o menu de máquinas ofertado é restrito e, por conseguinte, insuficiente. Apesar de termos há 20 anos o curso de engenharia agrícola no Brasil, não logramos avançar. Isso é explicável, uma vez que as vacas andam bem magras até para a indústria primária de máquinas e implementos. Trafegamos 20 horas por ano num hectare plantado. Não há solo que não se compacte e não há custo que agüente.

Dificilmente a citricultura paulista atravessará a atual fase de transição tecnológica sem aporte da pesquisa agrícola. A Flórida tem 180 pesquisadores em citros. O Brasil, cerca de 10% disso, e pior: um orçamento 20 vezes menor.

Além disso a citricultura paulista atravessará esta fase em direção a um ajuste de custos. A aceleração desse processo de ajuste poderá variar segundo o investimento ou incremento tecnológico na produção agrícola. Já estamos gerando essa tecnologia com recursos do próprio setor (Fundecitrus) com um pequeno porém crescente apoio do Estado.

Idealista ou não, o raciocínio correto é que a única resposta que o Brasil pode dar à impossibilidade de eliminar as barreiras protecionistas e aos subsídios agrícolas do primeiro mundo é investir em tecnologia, munindo os agricultores de armas para a elevação da produtividade e facilidades de escoamento. Isso nos deixará fortes e nos permitirá um progresso duradouro. A citricultura é uma demonstração disso.

HÁ UMA CERTA maldade quando se afirma que a agroindústria citrícola brasileira só cresceu devido às geadas na Flórida (EUA). Essa afirmação, carente de fundamento, reflete a baixa auto-estima que, justa ou injustamente, é hóspede do caldo cultural brasileiro.